

Arqueologia Urbana e História Local

Actas do Encontro de Homenagem a Almeida Carvalho

Joaquina Soares (Coord.)

FÓRUM INTERMUSEUS DO DISTRITO DE SETÚBAL

FIDS

ALCÁÇER DO SAL

Museu Municipal de Alcácer do Sal
Câmara Municipal de Alcácer
do Sal

SANTIAGO DO CACÉM

Museu Municipal de Santiago
do Cacém / Câmara Municipal de
Santiago do Cacém

ALCOCHETE

Museu Municipal de Alcochete
Câmara Municipal de Alcochete

AMRS/MAEDS

Associação de Municípios da Região
de Setúbal / Museu de Arqueologia e
Etnografia do Distrito de Setúbal

SEIXAL

Município do Seixal
Ecomuseu Municipal

ALMADA

Museu Municipal de Almada
Câmara Municipal de Almada

MOITA

Departamento de Acção
Sociocultural
Câmara Municipal da Moita

SESIMBRA

Museu Municipal de Sesimbra
Câmara Municipal de Sesimbra

BARREIRO

Serviços Culturais
Câmara Municipal do Barreiro

MONTIJO

Museu Municipal do Montijo
Câmara Municipal do Montijo

SETÚBAL

Museu Municipal de Setúbal
Câmara Municipal de Setúbal

GRÂNDOLA

Serviços Culturais
Câmara Municipal de Grândola

PALMELA

Museu Municipal de Palmela
Câmara Municipal de Palmela

SINES

Museu Municipal de Sines
Câmara Municipal de Sines

NOTA DE ABERTURA

Com a presente publicação, comemorativa do II centenário do nascimento de João Carlos de Almeida Carvalho (1817-1897), abre-se mais uma larga janela sobre a Arqueologia e História da nossa Região.

Almeida Carvalho deixou um extenso legado de Apontamentos sobre a História de Setúbal, hoje no Arquivo Distrital de Setúbal, cujos documentos originais viriam a perder-se no incêndio dos Paços de Concelho, de 1910. A sua preocupação com o registo da memória colectiva da cidade onde nasceu levá-lo-ia também a atravessar o Sado e a procurar sob as dunas de Tróia um Passado mais longínquo, a cidade de filiação romana.

Ser-me-ia impossível nesta breve nota dar uma ideia, mesmo que resumida, da vida e obra do homenageado, que Setúbal e a Região puderam revisitar através de variada e extensa programação cultural planeada e concretizada desde 11 de Março de 2017 a 9 de Março de 2018 e na qual a Associação de Municípios da Região de Setúbal desempenhou um papel relevante através do seu museu.

Congratulamo-nos, pois, pela activa participação do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), em parceria com um variado conjunto de organismos públicos como a Câmara Municipal de Setúbal, a União de Freguesias de Setúbal, Junta de Freguesia de S. Sebastião, Arquivo Distrital de Setúbal, e associações culturais como a Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão e a Universidade Sénior de Setúbal.

Actualizar a informação, produzir conhecimento e divulgá-lo é sem dúvida a forma mais nobre de cuidarmos do nosso património, mas também uma via indispensável para a construção do desenvolvimento integrado da nossa Região.

Rui Garcia

(Presidente do Conselho Directivo da Associação
de Municípios da Região de Setúbal)

FICHA TÉCNICA

Edição

Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS)
Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)
Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS)

Direcção

Rui Garcia (Presidente do Conselho Directivo da AMRS)

Coordenação Editorial

Joaquina Soares

Conselho Científico

António Nabais
Carlos Marques da Silva
Carlos Tavares da Silva
João Luís Cardoso
Mário Varela Gomes
Victor S. Gonçalves
Vitor Serrão

Conselho Redatorial

Antónia Coelho-Soares
Elsa Afonso
Fátima Afonso
Fernanda Pinho
Fernanda do Vale
João Ventura
Luís Pequito
Lurdes Lopes
Maria Ana Judas
Marisol Ferreira
Michelle Santos
Miguel Correia
Sandra Coelho
Susana Duarte
Vitor Mestre

Secretariado e correspondência

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
Avenida Luisa Todi, 162 2900-451 Setúbal (Portugal)
Tel.: +351 265 239 265 / +351 939 553 004
E-mail: maeds@amrs.pt
Site: www.maeds.amrs.pt
Blog: www.maedseventosactividades.blogspot.com
Copyright - Direitos reservados pelos autores e MAEDS.
Interdita a reprodução de imagens.

Capa

“Natureza Morta” (garrafaria do séc. XVIII). Foto de Rosa Nunes.

Execução gráfica

Ana Castela
Paula Covas

Impressão e acabamento

Tipografia Belgráfica

Depósito Legal

450333/18

ISSN

1645-0553

Tiragem

300 exemplares
Disponível online em: <http://maeds.amrs.pt/musa.html>

Setúbal, 2018

EDITORIAL

ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA. AINDA O LEITO COMUM?

O presente volume de *Musa: Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios* afasta-se formalmente, mas não na temática, do modelo até agora seguido. Nele se publicam as Actas do Encontro sobre *Arqueologia Urbana e História Local* de Homenagem ao Historiador e Arqueólogo João Carlos de Almeida Carvalho (1817-1897).

As actas celebram a memória de uma personalidade relevante, e renovam a aliança entre Arqueologia e História, assumindo, porém, o corte epistemológico com a tradicional subalternidade da primeira disciplina em relação à segunda. Ambos os domínios convivem agora em fraterna paridade.

Como é do conhecimento geral, a Arqueologia científica radicou as suas origens na Geologia, em Portugal no seio da Comissão Geológica, fundada em 1857 e muito particularmente nos trabalhos de Carlos Ribeiro, a quem se devem, na nossa região, a primeira carta geológica e as primeiras escavações na necrópole pré-histórica de hipogeus da Quinta do Anjo.

Carlos Ribeiro assumiu claramente estatura internacional ao liderar a reunião em Lisboa do IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas em 1880.

Porém, sobretudo entre 1930 e o final da década de 1960, a Arqueologia viria a subordinar-se à História. Após a revolução democrática de 25 de Abril/74 e a institucionalização da Arqueologia como domínio autónomo, com licenciatura própria, este campo disciplinar criou alianças estratégicas com as chamadas arqueociências (ciências da natureza, física, química, genética)¹.

Superada a etapa de estagnação historicista, a Arqueologia soube, sem complexos de menoridade, ombrear “fraternalmente” com a História no estudo das sociedades humanas e suas temporalidades. Ultrapassou mesmo a sua

dedicação aos períodos de sua “exclusiva” responsabilidade ou quase (Pré-história, Proto-história e Antiguidade Clássica), para se debruçar sobre as sociedades medievais, modernas e contemporâneas. E perante algum questionamento sobre o interesse da Arqueologia da contemporaneidade, há autores que defendem uma Arqueologia contemporânea de compromisso ético: *Archaeology has a new ethical commitment: to recover evidence of the existence of the victims not just for therapeutic and juridical reasons, but for historical reasons as well. We cannot return them to life, but we can reintegrate them to the time of history from which they were expelled*” (González-Ruibal, 2016, p. 19)²

Recorrendo ao conceito-chave, específico da Arqueologia, de *tempo dos materiais* e à ideia de *heterocronologia*³, indispensável à compreensão da sobremodernidade que habitamos, vão perdendo sentido as fronteiras impostas pelas rígidas comportas que pretendem separar a Arqueologia pré-histórica da histórica ou da contemporânea; o acento tónico coloca-se no pensamento e acção arqueologicamente informados, porque na realidade trabalhamos dentro de um tempo múltiplo, desafiando ou desconstruindo realidades sociais que nos antecederam, complexas e também elas multitemporais.

Semelhante reflexão tem ocorrido na História⁴; o alargamento das suas fontes e temáticas, através de caminhos tradicionalmente pouco pisados, como a imprensa periódica ou os relatos orais de experiências vividas, ficam bem expressos neste volume.

Finalmente, na sua diversidade, a presente publicação homenageia justamente um dos mais ecléticos criadores intelectuais setubalenses de oitocentos, João Carlos d'Almeida Carvalho, cujas obra e actividade cívica continuam, volvidos quase duzentos anos, a inspirar as concepções humanistas dos nossos dias.

Joaquina Soares

(Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal)

1 - Ver a propósito: Martín-Torres, M.; Killick, D. (2015) - Archaeological Theories and Archaeological Sciences. In A. Gardner; M. Lake; U. Sommer (eds.), *The Oxford Handbook of Archaeological Theory*.

2 - González-Ruibal, A. (2016) - Archaeology and the Time of Modernity. *Historical Archaeology* 50(3), p. 144-164.

3 - Leduc, J. (1999) - *Les historiens et le temps*. Paris: Seuil.

4 - Le Goff, J. (2014) - *Faut-il vraiment découper l'histoire en tranches?* Paris: Seuil.

ÍNDICE

Nota de Abertura	03
Rui Garcia	
Editorial	05
Joaquina Soares	
No II Centenário do Nascimento de João Carlos D’Almeida Carvalho (1817-1897)	08
Horácio Pena	
Arqueologia Urbana e História Local	16
Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua Arronches Junqueiro, 32-34	17
Carlos Tavares da Silva, Antónia Coelho-Soares, Susana Duarte	
Cerâmicas de paredes finas de <i>Salacia Urbs Imperatoria</i>. Recolhas de prospeção arqueológica	39
Eurico Sepúlveda, Catarina Bolila, Marisol Ferreira	
Fortificação Medieval de Setúbal. Identificação do núcleo defensivo da Ribeira ou “Castelo”	51
Joaquina Soares, Teresa Rita Pereira, Susana Duarte, Carlos Mouro	
Arqueologia urbana e o sismo de 1755. O contexto da Av. Luísa Todi, 170-178, Setúbal	79
Joaquina Soares, Susana Duarte, Carlos Tavares da Silva	
Silos de Francos e Portugueses em Vila Verde dos Francos – Alenquer	101
Guilherme Cardoso, Luísa Batalha	

O mundo numa casa. As importações no Espaço Cidadão (Palmela)	115	Atentado a Almeida Carvalho. (31 de agosto de 1855)	199
João Nunes, Eduardo Porfírio, Michelle Teixeira Santos		Albérico Afonso, Carlos Mouro	
O “Tombo da Câmara de Palmela” (séculos XIV-XIX). Da arqueologia dos documentos à arqueologia a partir dos documentos - um contributo de João Carlos de Almeida Carvalho	129	Fran Paxeco em Sesimbra	213
João Costa		João Augusto Aldeia	
Do cerimonial religioso ao aparato régio: o contributo de Almeida Carvalho para o estudo das celebrações em Setúbal na Época Moderna	141	A indústria de conservas de peixe em Setúbal durante a Grande Guerra (1914-1918): necessidades externas e ilusões transitórias	219
Maria João Pereira Coutinho		Diogo Ferreira	
A Roda dos Enjeitados	151	Notas sobre a indústria de curtumes setubalense	233
Rogério Palma Rodrigues		Carlos Mouro	
Referências literárias em acontecimentos, lendas e tradições da região setubalense, de João Carlos de Almeida Carvalho	163	Antigas Quintas de Setúbal – Espaços Físicos e Sociais	245
Fátima Ribeiro de Medeiros		Pedro Fernandes	
Estado liberal e poder municipal: Almeida Carvalho e a reforma político-administrativa de 1855	179	A Importância da Memória Viva no Estudo da História Local. Uma Proposta para a sua Preservação	253
Ernesto Castro Leal		Pedro Fernandes	
O feriado municipal e a memória colectiva setubalense	187	Centenários Bocagianos, momentos de homenagem a um poeta singular (sécs. XIX-XX)	261
Carlos Mouro, Horácio Pena		António Chitas	
		“Hoje ninguém trabalha!” – Resistência operária no concelho do Seixal em 1943	271
		Fátima Afonso, Fernanda Ferreira	

Silos de Francos e Portugueses em Vila Verde dos Francos – Alenquer

Silos of the Franks and Portuguese in Vila Verde dos Francos – Alenquer

Guilherme Cardoso*
Luísa Batalha**

RESUMO

Durante a conquista de Lisboa D. Afonso Henriques recebeu ajuda de vários grupos de cruzados do norte da Europa que foram agraciados com terras na região de Lisboa. Um dos grupos que recebeu terras era constituído por francos, comandados por D. Alardo. Foi-lhes atribuído um pequeno território no lado poente do sopé da serra de Montejunto, que passou a ser conhecido por Vila Verde dos Francos.

Desse tempo ficaram as ruínas de um pequeno castelo numa elevação sobranceira à estrada de Aldeia Galega para o Cadaval, e de onde se domina grande parte do antigo território. Mais abaixo uma pequena aldeia onde se instalaram os cruzados francos com as suas famílias.

Nos finais do século XIV o senhorio de Vila Verde dos Francos deixou de pertencer aos descendentes de D. Alardo e passou a pertencer a Gonçalo Lourenço Gomide que foi o bisavô de D. Afonso de Albuquerque, vice-rei da Índia. Será na parte norte da antiga propriedade onde existem as ruínas do antigo palácio deste vice-rei e posteriormente do Marquês de Angeja que, em 2013, foram escavados dez silos localizados muito próximos de uma antiga fonte gótica de arco ogival que devia abastecer a antiga povoação e o palácio do morgado.

Durante a escavação, efectuada em terrenos do Centro Escolar de Vila Verde dos Francos, foram recolhidos materiais que datámos entre os séculos XIII e XVI, revelando que o sítio serviu para guardar cereais durante pelo menos trezentos anos sendo posteriormente entulhado após o seu abandono com pedras e algum lixo doméstico.

As cerâmicas são maioritariamente foscas¹ e algumas vidradas revelando uma produção de origem regional, onde predominam as bilhas, panelas e tampas.

Palavras-chave: Francos; silos; cerâmicas; cantarias; Vila Verde dos Francos.

ABSTRACT

During the conquest of Lisbon, D. Afonso Henriques received help from various groups of crusaders from northern Europe who were then awarded land in the Lisbon region. One of these groups consisted of Franks, led by D. Alardo. They were given a small territory on the west side of the foothills of the Montejunto Mountain Range, which came to be known as Vila Verde dos Francos.

Ruins of a small castle dating from this period have survived, on an elevation overlooking the road from Aldeia Galega to Cadaval, allowing for a view over much of the old territory. Further down the hill there is a small village where the Frankish Crusaders settled with their families.

At the end of the 14th century the lordship of Vila Verde dos Francos no longer belonged to the descendants of D. Alardo but to Gonçalo Lourenço Gomide, the great-grandfather of D. Afonso de Albuquerque, viceroy of India. In the northern part of the old property, next to the ruins of D. Afonso de Albuquerque's palace (which subsequently belonged to the Marquis of Angeja), ten silos were found, and excavated in 2013. The latter were located very close to an old Gothic fountain with an ogival arch which would probably have supplied the ancient settlement and the major at's palace.

Findings dated from the 13th to the 16th century were recovered during the excavation conducted on the grounds of Vila Verde dos Francos' school, indicating that this site was used to store cereals for at least three centuries, and was then abandoned and filled with stones and some household rubbish.

The ceramics consisted mostly of plain wares and some glazed wares, predominantly pitchers, pots and lids, revealing a regional production.

Keywords: Franks; silos; ceramics; stonework; Vila Verde dos Francos.

* - CAL (Centro de Arqueologia de Lisboa) guilherme.cardoso@cm-lisboa.pt

** - Arqueóloga. batalhaluisa5@gmail.com

INTRODUÇÃO

A intervenção arqueológica realizada em Vila Verde dos Francos durante o ano de 2013, numa área com projecto de construção do Centro Escolar de Vila Verde dos Francos, proporcionou a escavação de estruturas negativas correspondentes a dez silos. Estes apresentavam considerável destruição ao nível da boca, mas a maioria com espólio associado.

Sem a presença de grande volume de materiais, devido às perturbações a que estes silos estiveram sujeitos, provavelmente por acção de trabalhos de lavoura, foi possível, ainda assim, analisar algum espólio que permitiu datar o local. Procuramos estabelecer cronologias que nos indicassem a época em que os mesmos foram abandonados como estruturas de armazenamento e sequencialmente

reutilizados como fossas detriticas, daí que a análise formal tenha sido efectuada, segundo a presença do espólio proveniente de cada silo e de cada estrato.

ANÁLISE E CONTEXTUALIZAÇÃO DOS MATERIAIS POR SILO

SILO 1

ESTRATO 1

Panelas

Das oitenta e quatro peças em análise, verifica-se que o conjunto representado pelas panelas é o que surge em maior percentagem.

Esta forma encontra-se representada no estrato 1 por dois exemplares (Fig. 2, nºs 1 e 2). No primeiro caso

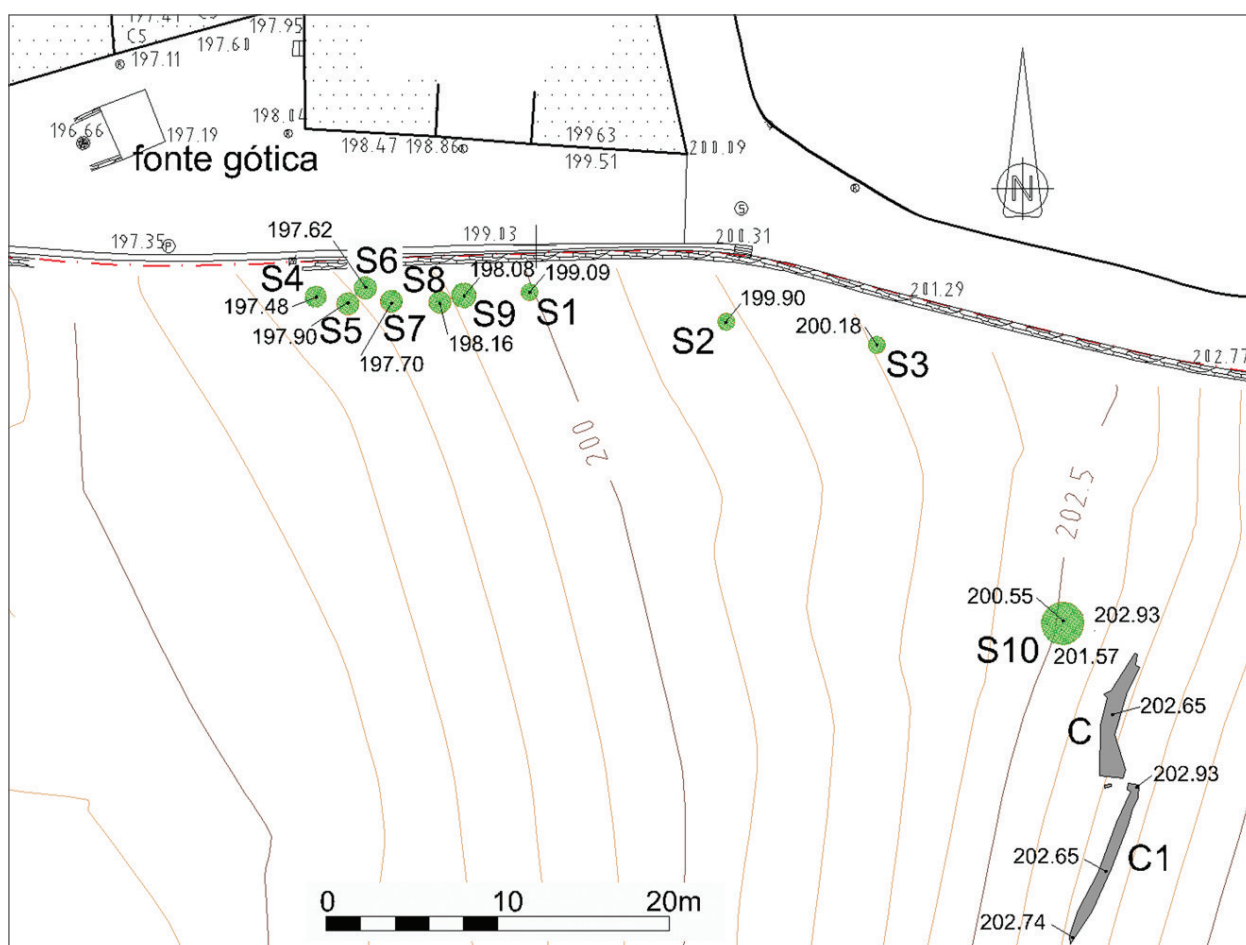


Fig. 1 – Planta de localização dos silos de Vila Verde dos Francos.

trata-se de um fragmento de boca com lábio plano, bordo com pequena aba, cujas paredes, caneladas, evoluem possivelmente para um perfil globular. Este exemplar encontra paralelo em Lisboa, com cronologia bastante abrangente, uma vez que surge no final do Século XII, prolongando-se até meados do Século XVI (Gomes *et al.*, 2005, p. 236). O segundo exemplar, dado o tipo de pega horizontal, corresponde possivelmente a uma cronologia mais tardia, não se enquadrando no restante conjunto formal.

Cântaros

A maior percentagem de cântaros foi oferecida por este silo. Com perfil incompleto, este conjunto com dois exemplares (Fig. 2, nºs 3 e 4), apresenta bordos rectos, com aba oblíqua, bem marcada, de secção triangular e colo acentuadamente estrangulado. Os exemplares nºs 5 e 6 possuem lábios planos em bordos de secção quadrangular. Os colos são ligeiramente côncavos, quase verticais.

O exemplar nº 7 é um cântaro com duas asas de secção em fita. Apresenta bordo de secção quadrangular em aba e colo vertical com ressalto. Em Torres Vedras, provenientes da muralha do castelo, surgiram paralelos datados entre os séculos XI-XII (Luna & Cardoso, 2013, p. 463).

Jarrinhas/Púcaros

Possuímos três exemplares de jarrinhas com perfil incompleto (Fig. 2, nºs 8, 9 e 10). Dois fundos de perfil acentuadamente estrangulados e duas com corpo globular, cujos colos apresentam caneluras. Estes encontram uma tipologia muito próxima dos exemplares exumados no Castelo de São Jorge, de filiação islâmica e que dadas as suas características formais, encontram-se datados entre os séculos XII-XIV (Gomes *et al.*, 2005, p. 231). A mesma forma está presente no silo 7 da Rua da Judiaria e Vanessa Leal classificou-a como púcaro, datando-o entre os séculos XII-XIII, com base num paralelo do Castelo de Silves (Leal, 2000, p. 203; Gomes, 1988). Em Coruche, encontra paralelo na

cripta da igreja de S. Pedro, com datação precisa entre os séculos XII-XIV (Pinto, 2014, p. 126).

Tampas

As tampas eram fundamentalmente utilizadas para cobrir as panelas, os cântaros ou as bilhas. Temos três tampas de perfil incompleto. Duas não possuem bordo. Assentam em base ligeiramente côncava e apresentam pitorra (Fig. 2, nºs 11-12). No exemplar nº13, verifica-se um bordo em aba com perfil em barbela. Estes exemplares conhecem difusão praticamente em todo o território durante a baixa Idade Média. Em Cascais, foi exumado um exemplar proveniente do largo 5 de Outubro (Cardoso & Rodrigues, 1991, p. 582) e em Almada, nos silos medievais na Rua Henriques Nogueira (Sabrosa & Santos, 1993, p. 117).

Alguidares

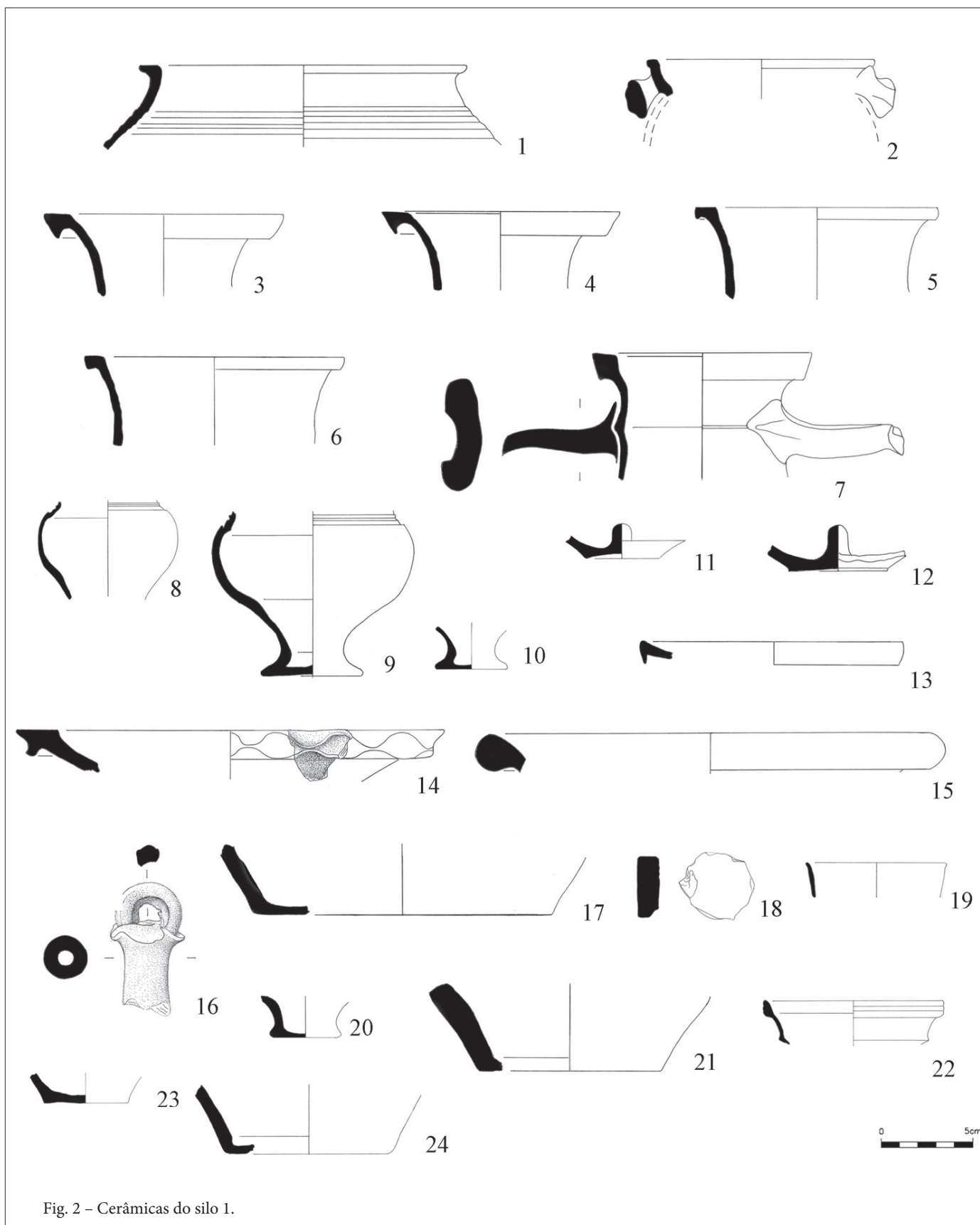
Dois exemplares de alguidares integram este conjunto de peças. A peça nº 14 corresponde a um modelo incompleto, de lábio plano, com bordo em aba, em que figura uma decoração digitada, formando pequenos alvéolos. O corpo é troncocónico. Existem dois paralelos para esta forma no Castelo de Sesimbra (Carvalho, 1994, p. 14). O alguidar nº 15 apresenta bordo em aba, de secção circular e o corpo evolui para a característica forma troncocónica.

Cabo com argola de suspensão

Surgiu um fragmento de cabo de frigideira com argola de suspensão. Os paralelos para este fragmento incidem num exemplar de argola, exumado no silo 12 da rua da Judiaria, Almada, com datação para o século XIV (Batalha, Pereira & Barros, 2008) e num exemplar incompleto do Castelo de Sesimbra, datado em contextos do século XV (Carvalho, 1994, p. 16) e ainda no silo 5 da Travessa das Capuchas em Santarém, com cronologia do século XIV (Boavida, Casimiro, & Silva, 2013, p. 944).

Indeterminados

O exemplar nº 17 corresponde a um fundo



indeterminado, possivelmente de um pote, dada a sua dimensão.

Marcas de jogo

Presença frequente em contextos arqueológicos, as marcas de jogo chamam a atenção para a componente lúdica, envolvendo adultos e crianças. Esta peça foi elaborada a partir de um fragmento de telha (nº18).

ESTRATOS 1/2

Indeterminados

Este estrato ofereceu três fragmentos indeterminados. O bordo nº 19 apresenta paredes ligeiramente oblíquas e lábio arredondado. O exemplar nº 20 corresponde a um fundo, possivelmente de um contentor de líquidos, tal como o fragmento nº 21. Este poderá constituir um fundo de cântaro ou bilha.

ESTRATO 3

Indeterminados

Trata-se de um estrato também com três fragmentos. Um bordo de secção triangular, possivelmente de jarro (Fig. 2, nº 22). O colo apresenta moldura com ressalto que por sua vez evolui para uma forma indefinida (Bugalhão, Gomes & Sousa, 2003, p. 170). Os exemplares nºs 23 e 24 correspondem a dois fundos, contentores de líquidos.

SILO 4

ESTRATO 1

Panelas

Do silo 4 foram exumados três exemplares de panelas (Fig. 3, nºs 25, 26) – que designamos por forma tipo 1. Apresentam bordo de secção triangular e um com vestígios de arranque de asa. O corpo evolui para uma forma globular directamente do bordo. O terceiro exemplar encontra-se incompleto e apresenta um fundo de base plana e paredes verticais, (Fig. 3, nº 27).

As duas panelas com bordo de secção triangular, encontram-se datadas do século XII em Torres Vedras,

no Largo de Santo António (Luna & Cardoso, 2013, p. 463). Registamos também bons paralelos em Lisboa, na Rua dos Correeiros, embora num contexto de filiação islâmica (Bugalhão, Gomes & Sousa, 2003, p. 151 e 115). Tal facto pressupõe que estas peças foram fabricadas em Vila Verde dos Francos, dentro dos moldes tradicionais com influência islâmica. Em Santarém, também num contexto de estruturas negativas, foram exumadas panelas com a mesma tipologia, datadas do século XII (Trindade & Diogo, 2005). Quanto à peça nº 27, insere-se no grupo de panelas com paredes semi-verticais que podemos encontrar no silo 12 da rua da Judiaria, Almada (Batalha, Pereira & Barros, 2008, p. 71 e 73), bem como nos silos da Rua Henriques Nogueira, também em Almada, nos dois casos datadas entre os séculos XIII-XIV (Sabrosa & Santos, 1993, p. 117).

O fragmento que apresentamos com o nº 28, pode eventualmente pertencer a uma panela, embora não descartemos a hipótese de poder tratar-se de um fundo de bilha. Os exemplares de panelas, completos, exumados da cripta da Igreja de S. Pedro em Coruche, apresentam fundos com a mesma forma. Aqui, as datações foram atribuídas tendo em conta os contextos bem datados por numismas entre os séculos XII-XIV (Pinto, 2014, p. 126).

Cântaros

Com a função de armazenamento de líquidos, os cântaros sempre constituíram peça fundamental nas cozinhas dos espaços domésticos. No silo 4 foram identificados quatro fragmentos de cântaros (Fig. 3, nºs 29, 30, 31 e 32). O primeiro apresenta arranque do bordo e asas sobreelevadas em fita. O colo, alto, apresenta ressalto na zona mesial. A peça nº 30 corresponde a um exemplar de bordo em fita, com secção quadrangular. Encontra paralelo em Almada, na rua da Judiaria (Batalha, Pereira & Barros, 2008), com cronologia nos séculos XII-XIII, tal como se verificou em relação aos exemplares exumados da alcáçova do Castelo de Mértola (Khawli, 1993, p. 74). Os exemplares nºs 31 e 32 correspondem a fragmentos de parede e fundo.

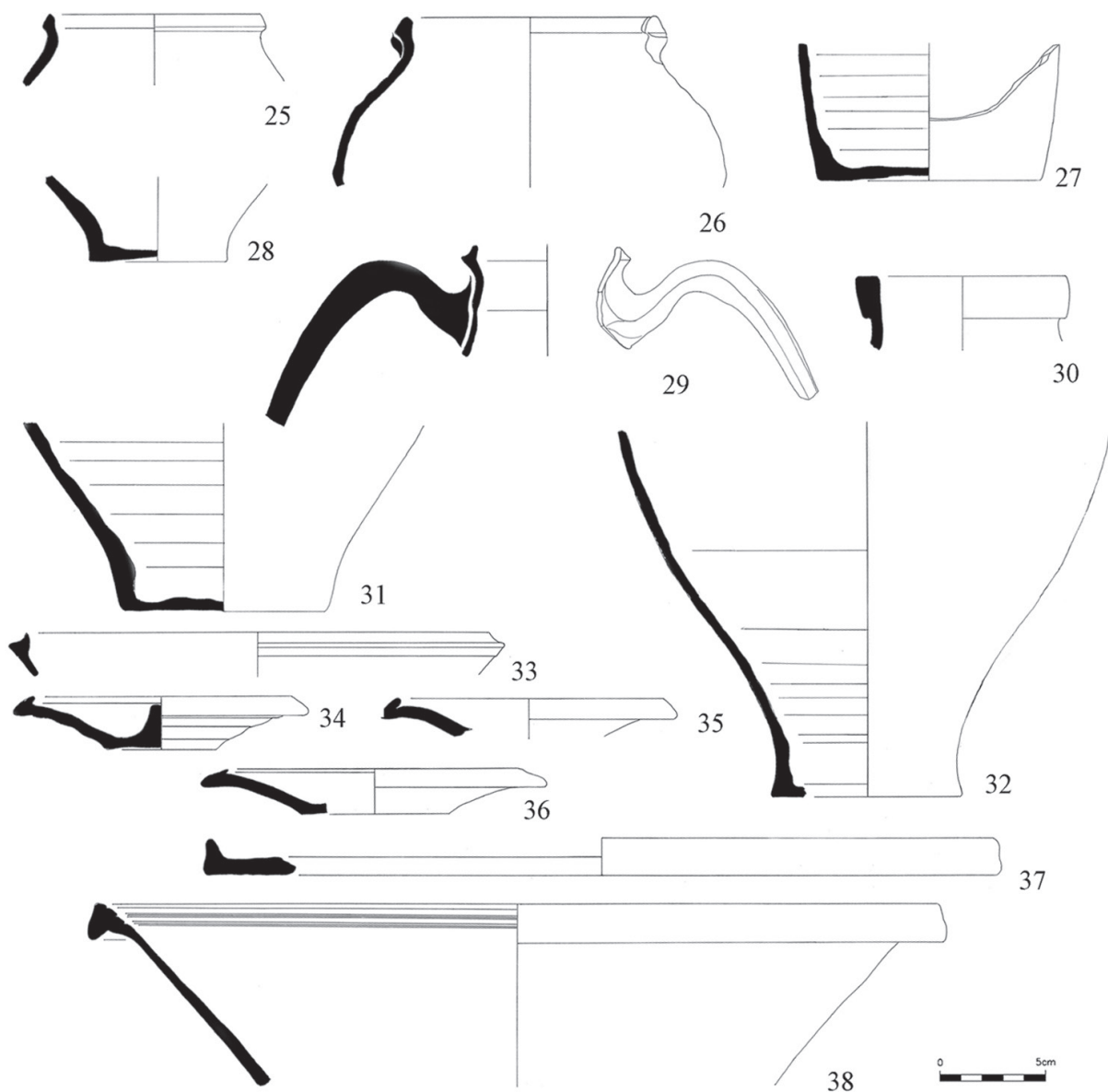


Fig. 3 – Cerâmicas do estrato 1, do silo 4.

Caçoilas

Este grupo formal está representado por um exemplar. Destinavam-se ao serviço de mesa e também para cozinhar alimentos. A peça nº 33 apresenta perfil troncocónico incompleto e bordo de secção triangular. Encontra-se datado cronologicamente entre os séculos XIII-XIV, tal como ficou demonstrado na intervenção nos silos da Rua da Judiaria, em Almada (Barros & Henriques, 2003, p. 140; Batalha, Pereira & Barros,

2008, p. 73). Podemos encontrar a mesma forma em vários contextos do território, na medida em que se trata de uma forma recorrente.

Tampas

Foram encontrados dois tipos de tampas. Três exemplares apresentam perfil troncocónico com bordo em barbela (Fig. 3, nºs 34, 35 e 36), sendo que a peça nº 34 apresenta perfil completo e pitorra. Estas tampas

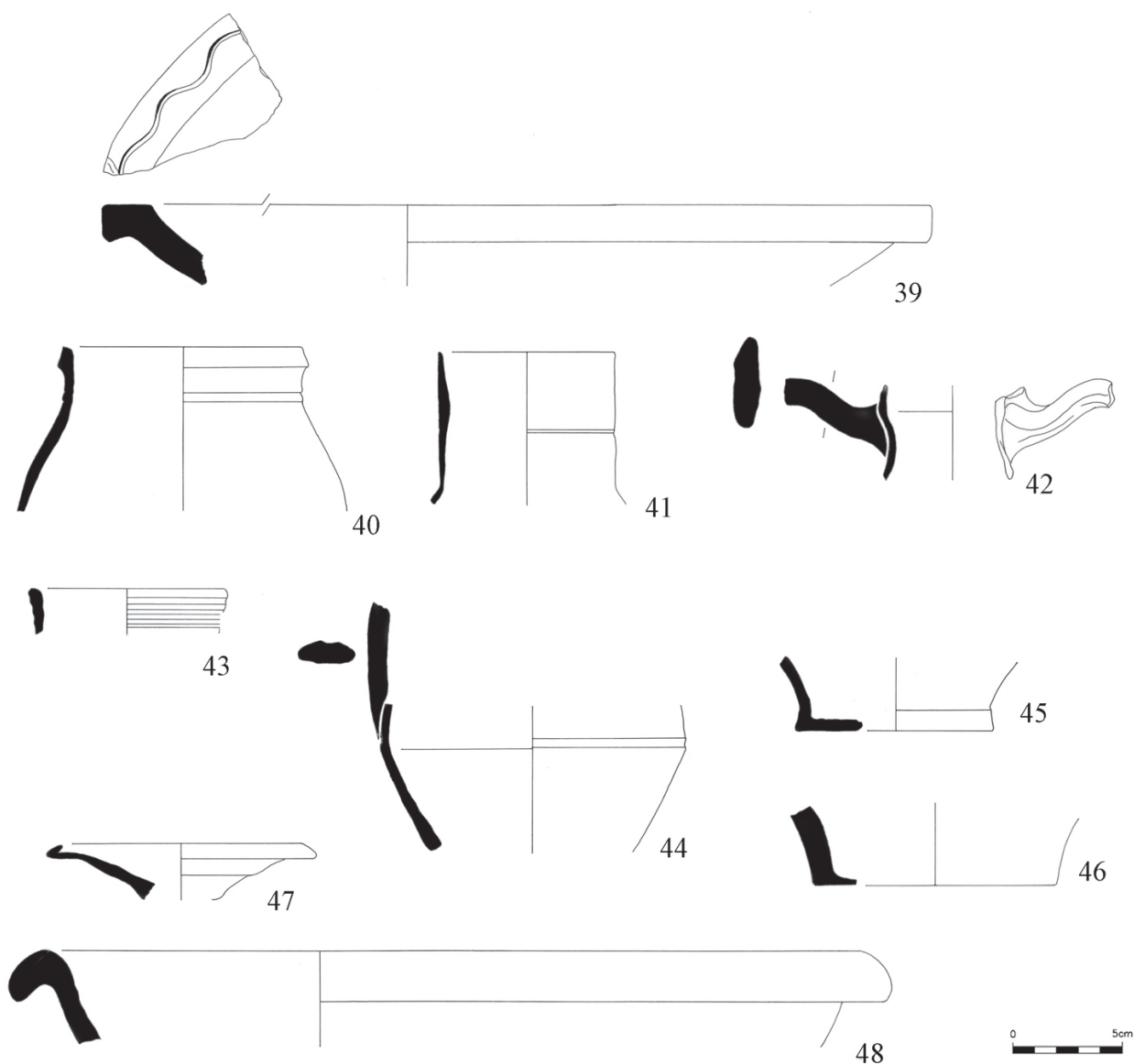


Fig. 4 – Cerâmicas dos estratos 2 e 3, do silo 4.

estão bem datadas em contextos dos séculos XII-XIII no castelo de São Jorge (Gomes *et al.*, 2005, p. 233) bem como em Setúbal (Soares, Duarte & Tavares da Silva, 2005/07, p. 92).

O exemplar nº 37 apresenta uma forma menos difundida. Trata-se de uma tampa de grandes dimensões, de base plana, utilizada para tapar grandes contentores – talhas. Encontrámos paralelos em Niebla, Espanha, cuja datação é atribuída ao século XII (Hierro & Macias,

2003, p. 126) e um outro, exposto no Museu de Cádiz, com cronologia entre os séculos XII-XIII (Sánchez-Molero, Cubiella & Perez, 2005, p. 94).

Alguidares

Os alguidares são certamente as peças mais versáteis no contexto doméstico, dadas as suas múltiplas funções. Eram utilizados em lavagens, amassadura do pão e higiene pessoal. O exemplar nº 38, com perfil

incompleto, apresenta corpo troncocónico, bordo em aba e um friso de caneluras na superfície interna junto ao bordo.

ESTRATO 2

O estrato 2 do silo 4 ofereceu um fragmento de bordo de alguidar com parede convexa e bordo de secção quadrangular, com decoração ondulada, incisa, no lábio (Fig. 4, nº 39). Registámos um paralelo para este modelo na intervenção arqueológica da rua dos Correeiros, com cronologia correspondendo ao século XII (Bugalhão, Gomes & Sousa, 2003, p. 163).

ESTRATO 3

Panelas

Neste silo foi identificado um único tipo de panela (Fig. 4, nº 40). O bordo apresenta secção triangular, colo pouco estrangulado, a partir do qual as paredes evoluem para um corpo globular. Exemplar idêntico foi datado entre os séculos XII-XIV em S. Salvador, Sobral de Monte Agraço, (Gonçalves & Gonçalves, 1990, p. 83) e encontra bons paralelos em exemplares islâmicos da Rua dos Correeiros para cronologias do século XII (Bugalhão, Gomes & Sousa, 2003, p. 151).

Jarrinhas

Foi também identificada uma jarrinha (nº 41). O bordo é biselado, o colo alto e vertical com arranque de parede, indicando evoluir para uma forma globular. Datada do século XIV-XV em Coruche, na cripta da igreja de São Pedro (Pinto, 2014, p. 126), mas também em Lisboa, na Rua dos Correeiros, embora em contexto islâmico (Bugalhão, Gomes & Sousa, 2003, p. 180). Dada a sua pervivência, trata-se de uma forma de longa duração.

Cântaros

Ainda do mesmo contexto, apresenta-se um fragmento de cântaro com asas sobre elevadas de secção em fita e colo com ressaltos na zona mesial (Fig. 4, nº 42).

Um fragmento de bordo com nervuras pressupõe a presença de um segundo modelo de cântaro (nº 43). Em Palmela, no castelo, o conjunto cerâmico ali

exumado ofereceu um modelo, cujo bordo corresponde ao encontrado neste silo, com cronologia balizada entre os séculos XII-XIII (Fernandes, 2005, p. 323).

Bilhas

Os contentores de líquidos estão ainda representados por um exemplar incompleto de bilha, com perfil troncocónico, asa em fita (nº 44) e dois fundos de base plana (nºs 45 e 46).

Tampa

Neste estrato foi exumado um único exemplar com a mesma cronologia dos restantes encontrados neste silo (nº 47).

Alguidares

O mesmo estrato ofereceu ainda um fragmento de bordo de alguidar, com aba pronunciada e corpo com parede convexa (nº 48).

SILLO 5

Panelas

O silo 5 apresentou cinco exemplares de panelas (Fig. 5, nºs 49, 50, 51, 52 e 53). Trata-se de bordos de secção quadrangular, a partir dos quais evolui o corpo, pouco amplo, de paredes quase verticais (tipo 2). Panelas similares foram encontradas em Almada nos silos da Rua da Judiaria, (Batalha, Pereira & Barros, 2008, p. 71) e na Rua Henriques Nogueira, em contextos datados dos séculos XII-XIV (Sabrosa & Santos, 1993, p. 117). A peça nº 54 corresponde à parte inferior de uma panela e apresenta arranque de asa. Do ponto de vista formal insere-se no conjunto dos restantes exemplares.

Taças

Do silo 5 foram exumadas três taças. A peça nº 55 corresponde a um exemplar com carena alta e corpo troncocónico assente numa base plana. Este é um modelo de filiação islâmica das taças carenadas, vidradas meladas do século XI, com paralelos em Granada, onde foram datados nos séculos XI-XII. No entanto esta forma vai manter-se no repertório cerâmico de mesa até ao século

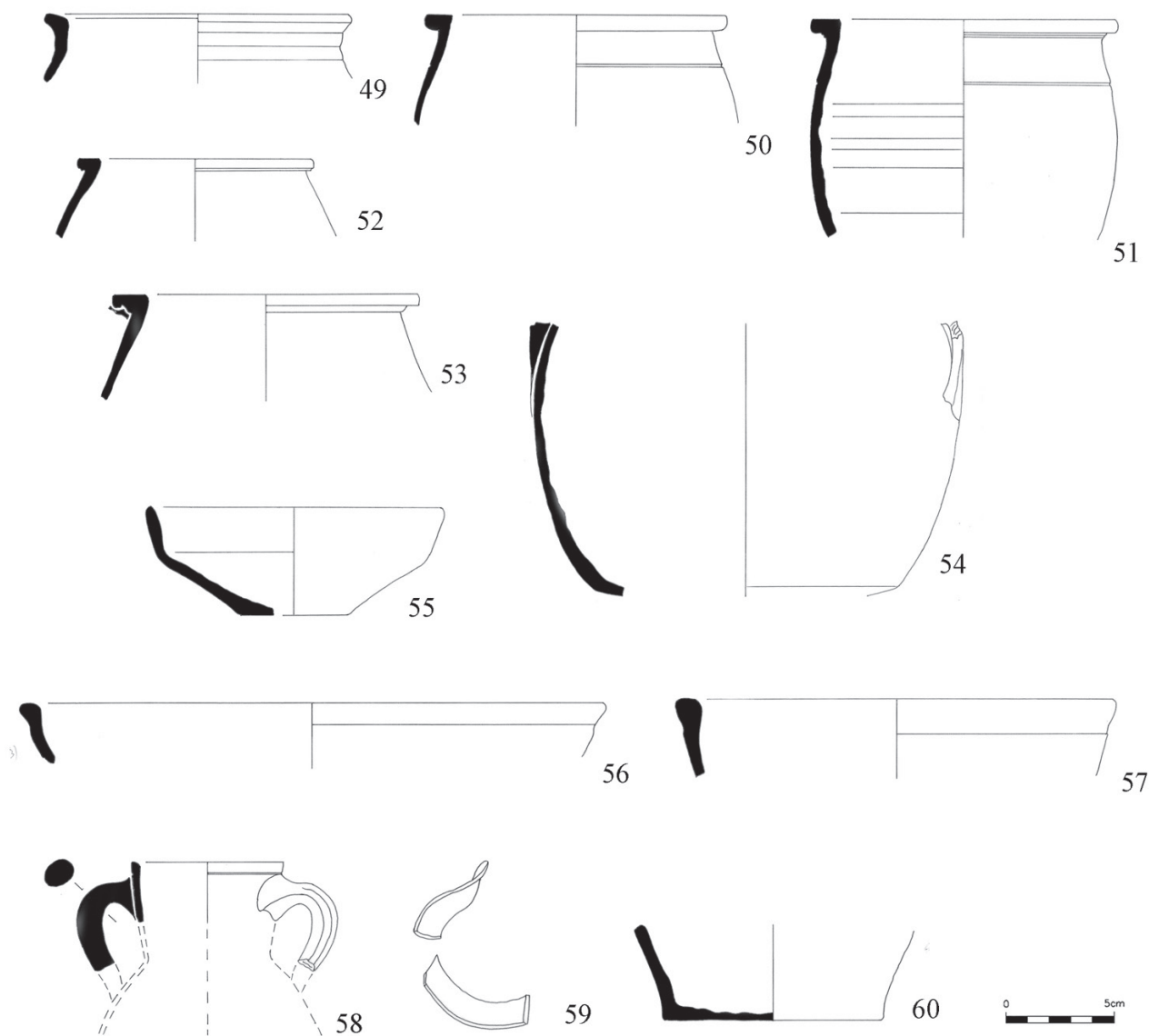


Fig. 5 – Cerâmicas do silo 5.

XVI. Também o exemplar nº 56, uma taça com bordo de secção circular e corpo convexo, incompleto, partilha a mesma origem e cronologia do exemplar anterior. (Aguilera, 1999, p. 110). No Teatro Romano de Lisboa, encontrámos um paralelo para esta peça, datado do século XII, também de filiação islâmica (Fernandes *et al.*, 2016, p. 512). Para o exemplar nº 57 foram encontrados dois paralelos morfologicamente idênticos, provenientes da estrutura negativa da rua Joaquim Granjo, 19,

em Setúbal e datados do período Islâmico (Duarte, 2018, p. 220) . Trata-se de um fragmento de taça, com bordo espessado, arredondado e paredes semi-verticais. Apresenta sulco entre o bordo e a parede.

Jarrinhas

Possuímos um fragmento que oferece paredes ligeiramente oblíquas e uma asa de secção circular (nº 58). Contudo, esta tipologia pressupõe que se trata de uma

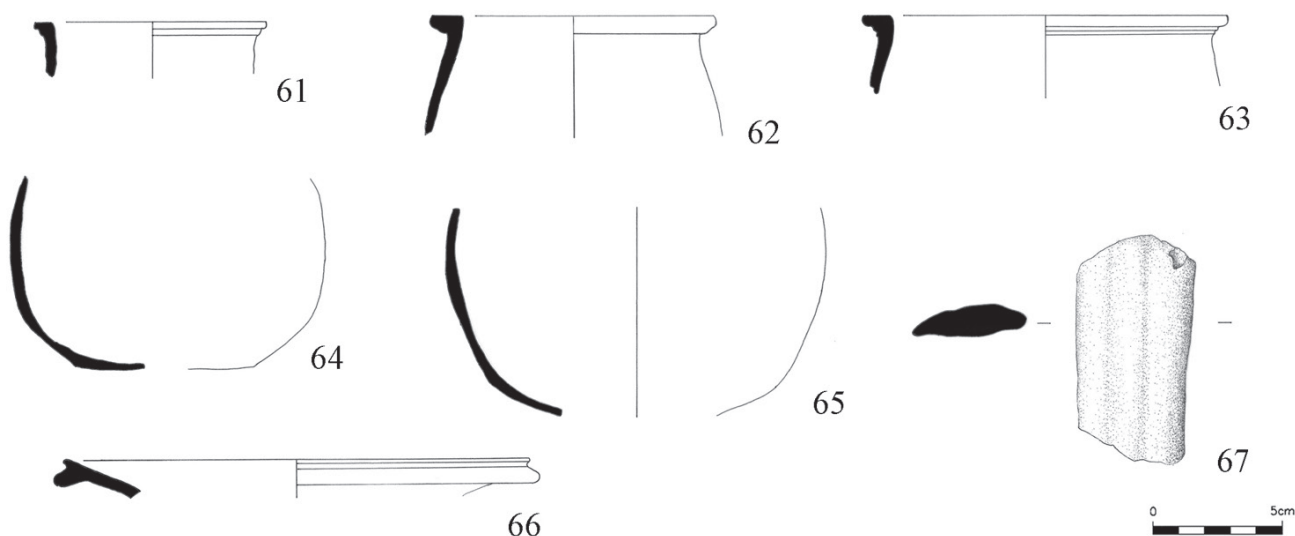


Fig. 6 – Cerâmicas do silo 7.

peça com duas asas, de acordo com os exemplares conhecidos nas produções islâmicas, a exemplo do modelo exumado dos silos dos Paços do Concelho, em Torres Vedras, cujo espólio se encontra datado entre os séculos XII e XV (Luna & Cardoso, 2013, p. 465). Em Coruche, encontramos paralelos para esta peça de acordo com um exemplar do século XIII, na cripta da igreja de São Pedro (Pinto, 2014, p. 116) e em Lisboa, no Castelo de S. Jorge, onde modelos idênticos apresentam cronologias entre os séculos XII-XIII (Gomes *et al.*, 2005, p. 231).

Bilhas

O conjunto de contentores de líquidos, apresenta dois fragmentos de um bordo polilobado (nº 59).

Indeterminados

O exemplar nº 60 corresponde a um fundo de peça sem correspondência tipológica.

SILLO 7

Panelas

No silo 7 o número de peças exumadas foi reduzido. Traduziu-se num conjunto de sete fragmentos, dos quais a maioria é representada por panelas do tipo 2

(Fig. 6, nºs 61, 62, 63, 64 e 65) ou seja, semelhantes aos exemplares exumados do Silo 5, tal como os fragmentos de parede e fundo. Para estes (Fig. 7, nºs 64 e 65) encontramos correspondência nos trabalhos de escavação do Castelo de São Jorge, datados entre os séculos XII-XIII (Gomes *et al.*, 2005, p. 231). Contudo, esta forma que os autores classificam como tacho, irá perviver até ao século XV. Esta tipologia foi igualmente identificada em Cascais, através de um conjunto exumado no Largo 5 de Outubro, com datações que abrangem os séculos XIII-XIV (Cardoso & Rodrigues, 1991, p. 583).

Tampas

As tampas encontram-se representadas através de um exemplar. Este apresenta um bordo em aba e corpo troncocónico incompleto (Fig. 6, nº 66). Um paralelo similar foi encontrado nos trabalhos de acompanhamento da Rua dos Correiros, em Lisboa (Bugalhão *et al.*, 2003, p. 168).

Asas

Apresentamos um fragmento de asa em fita que poderá corresponder a uma bilha (Fig. 7, nº 67).

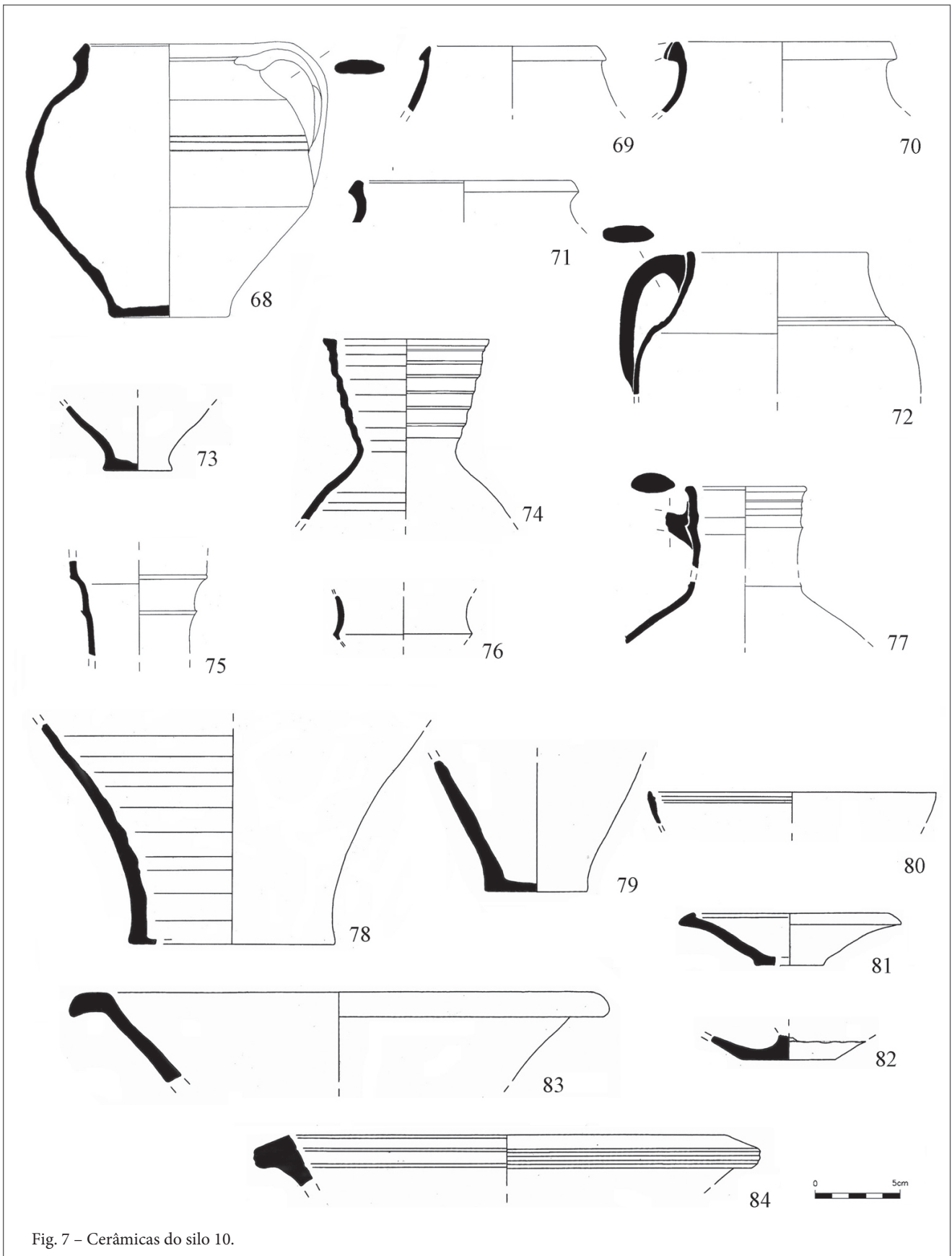


Fig. 7 – Cerâmicas do silo 10.

SILO 10

Panelas

O silo 10 ofereceu quatro fragmentos de panelas com o mesmo tipo de bordo (Fig. 7, nºs 68, 69, 70 e 71) e encontram bons paralelos em Torres Vedras (Luna & Cardoso, 2013, p. 466). O exemplar nº 68 corresponde a uma panela de perfil completo. Bordo de secção triangular, corpo globular e base plana de pequeno diâmetro. Apresenta asa em fita. Modelos iguais foram exumados na cripta da igreja de São Pedro em Coruche (Pinto, 2014, p. 116). O exemplar nº 69 apresenta bordo de secção triangular, a partir do qual evolui o corpo da peça. Nas restantes panelas verifica-se o mesmo tipo de bordo, mas o corpo evolui a partir de um colo bem evidenciado.

Púcaras

Para o exemplar nº 72 não foi encontrado paralelo. Trata-se de uma púcara com asa de secção em fita, bordo arredondado e parede ligeiramente oblíqua, duas nervuras dão lugar a ressalto sobre o corpo, a partir do qual evoluem as paredes.

Jarrinhos

Do conjunto de contentores de líquidos consta um fragmento de jarrinho, constituído pelas paredes da parte inferior da peça que assenta sobre base plana (nº 73).

Bilhas

Um outro exemplar apresenta colo alto, troncocónico com caneluras. A partir do ponto de estrangulamento evolui para corpo globular (nº 74). Trata-se de uma peça de cerâmica fosca, com evidente filiação em modelos islâmicos. Em Palmela encontra-se esta tipologia com cronologia do século XII (Fernandes, 2001, p. 193), tal como na *villa* romana de Frielas (Silva & Barbosa, 2003, p. 114).

Cântaros

Os cântaros estão presentes através dos exemplares nºs 75, 76 e 77. Os dois primeiros são fragmentos de colo, incompletos, com moldura. Em Santarém estão datados entre os séculos XIII-XIV (Liberato, 2016, p.

779). Contudo, no Castelo de São Jorge, em Lisboa, este modelo apresenta cronologia entre os séculos XII-XIII (Gomes *et al.*, 2005, p. 233). Encontram-se paralelos na Alqueria de la Almagra em Huelva, igualmente em contexto rural (Terruel, Carrasco, Rodriguez, Hernando, 2010, p. 82). O exemplar nº 75 encontra-se presente em Torres Vedras em contexto islâmico do século XII (Luna, Cardoso, 2013, p. 466).

O exemplar nº 77 corresponde a um cântaro de colo vertical, com moldura, a partir da qual se localiza o arranque de asa de secção oval. O bordo é ligeiramente extrovertido e arredondado. Por último, este grupo apresenta um fragmento de parede e fundo (nº 78).

Indeterminados

o fragmento nº 79, corresponde a um fragmento de parede e fundo de um exemplar indeterminado.

Taças

O silo 10 ofereceu um fragmento de taça para a qual não foram encontrados paralelos. Apresenta parede espessada, lábio afilado e pequenas caneluras ao longo do bordo na superfície interna. As paredes indicam um corpo com forma convexa. (nº 80).

Testos

Os exemplares nºs 81 e 82 correspondem a dois testos. O primeiro, com perfil completo, apresenta corpo troncocónico e bordo em barbeta. O segundo fragmento não apresenta bordo, assenta em base plana e no centro arranque de pitorra.

Alguidares

A esta tipologia correspondem dois modelos de alguidares (Fig. 7, nºs 83 e 84). O exemplar nº 83 apresenta bordo em aba horizontal e corpo troncocónico. Em Lisboa, no forno islâmico da Rua dos Correeiros, encontramos um paralelo que se insere nas cronologias propostas para aquele local, ou seja, entre os séculos XII-XIII (Bugalhão *et al.*, 2003, p. 84). O pequeno fragmento nº 84 apresenta bordo em aba descaída, com finas caneluras no exterior e três caneluras na superfície interna. A inclinação do bordo pressupõe

uma grande abertura do corpo que evolui para uma forma troncocónica. Encontramos paralelo idêntico em Torres Vedras (Luna & Cardoso, 2013, p. 467).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto cerâmico dos silos de Vila Verde dos Francos é representativo das vivências das populações rurais em época medieval. A cerâmica exumada é proveniente de fabricos que utilizam a técnica da roda rápida, verificando-se que a maioria das peças apresenta cozedura em ambiente oxidante (alaranjadas: 2.5YR5/8 ou 6/8; 10R 5/8) e semi-redutor (cinzentas: 2.5 YR 5/1 ou 4/1), com razoáveis acabamentos de superfície. As pastas apresentam moscovite, quartzos leitosos, óxidos de ferro castanhos-avermelhados e negros, e em alguns exemplares raros calcários.

A análise dos conjuntos cerâmicos provenientes de cada um dos silos, permitiu-nos estabelecer cronologias que nos indicam o momento de abandono enquanto estruturas de armazenagem. Assim, verificamos que todos os silos que ofereceram materiais começaram a ser utilizados como fossas detriticas no decorrer do século XIII, se tivermos em conta a análise morfológica das peças exumadas. O enchimento dos silos teve continuidade durante as duas centúrias seguintes, podendo eventualmente terem sido colmatados no século XVI, devido ao fenómeno de longa duração de alguns materiais. Esta é a análise possível, tendo em conta que todos se encontravam violados pelos trabalhos de lavoura, não permitindo esclarecer se funcionaram como vazadouros até períodos mais tardios. Contudo, existe essa possibilidade, dado que a panela nº 2 (Fig. 2), apresenta uma pega horizontal, característica que a coloca numa cronologia do período moderno. Com datação mais tardia, temos ainda a considerar o cabo de frigideira com argola de suspensão, para o qual encontramos paralelos em Almada, igualmente em estruturas negativas, para contextos do século XIV, ou ainda a taça carenada proveniente do silo 5, com datação possível até ao século XVI.

Podemos ainda constatar que este conjunto é representativo de uma fase de cristianização do território.

Embora grande parte do espólio apresente características de fabrico de filiação islâmica, verifica-se total ausência de pintura, provavelmente fruto da ruralidade, em contextos pobres, sem manifestações de luxo, ou ainda, expressão de uma herança cultural que os oleiros da região fizeram perviver. Do mesmo modo, são raras as decorações, somente verificáveis em dois alguidares. Registou-se a presença de alguns fragmentos com vidrado plumbífero, mas os mesmos não ofereceram leitura. Também se verificou a ausência de cerâmicas de importação.

Do conjunto de materiais em análise, mais uma vez nos confrontamos com o fenómeno do regionalismo nos fabricos cerâmicos. Neste âmbito, destacamos uma púcara para o qual não foi possível encontrar referências na bibliografia deste período (Fig. 7, nº 72).

Não possuímos nenhum elemento que identifique o período de utilização destes silos em época islâmica. Contudo, a sua funcionalidade como vazadouros é factor indicativo de uma mudança significativa no paradigma da economia das comunidades rurais.

NOTAS

1 - Embora alguns autores empreguem o termo cerâmica comum, nós para o caso as cerâmicas dos períodos Medieval e Moderno preferimos utilizar o termo conforme o acabamento da peça, neste caso fosca, deixando o termo cerâmica comum para o período Romano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguilera, Á. R. (1999) – Estudio de las Producciones Post califales del Alfar de la Casa de los Tiros (Granada). Siglos XI-XII. *Arqueologia Medieval* 6, p. 110.
- Barros, L.; Henriques, F. (2003) – Rua da Judiaria, séc. XII-XIII. Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Métodos e Resultados para o seu Estudo. *Actas das 3^{as} Jornadas* (Tondela, 28 a 31 de Outubro de 1997). Câmara Municipal de Tondela, p. 135-144.
- Batalha, L. Pereira, S. G.; Barros, L. (2008) – Espólio dos Séculos XIV-XV do silo 12 da Rua da Judiaria – Almada. *Anais de Almada*, 9-10, p. 35-93.
- Batalha, L. (2009) – Cerâmica Islâmica. In L. Batalha, J. Carlos Caninas, M. Monteiro, G. Cardoso (cord.), *A villa Romana da Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira)*. EPAL – Empresa Portuguesa de Águas Livres, S.A., p. 121-130.

- Boavida, C.; Casimiro, T. M.; Silva, T. (2013) – Silos Medievais da Travessa das Capuchas (Santarém): Estruturas e Cultura Material. In *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 937-945.
- Bugalhão, J.; Gomes, A. S.; Sousa, M. J. (2003) – Vestígios de Produção Oleira Islâmica do Núcleo Arqueológico das Rua dos Correeiros, Lisboa. *Arqueologia Medieval*, 8, p. 129-191.
- Cardoso, Guilherme (2007) – Escavações Arqueológicas na Igreja Matriz do Cadaval. *Arqueologia do Cadaval*, 3. Cadaval.
- Cardoso, G.; Rodrigues, S. (1991) – Alguns tipos de cerâmica dos séculos XI a XVI encontrados em Cascais. In *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental* (Campo Arqueológico de Mértola), p. 575-585.
- Cardoso, G.; Rodrigues, S. (2008) – As Cerâmicas do Poço Novo (II). In *Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Métodos e Resultados para o seu Estudo*. *Actas das 4^{as} Jornadas* (Tondela, 24 a 27 de Outubro de 2000). Câmara Municipal de Tondela, p. 95-108.
- Carvalho, A. R. (1994) – Cerâmicas Medievais do Castelo de Sesimbra (III parte). *Sesimbra Cultural*, 4, p. 13-17.
- Cavaco, S.; Covaneiro, J. (2010) – Materiais cerâmicos provenientes de um silo do bairro almóada do convento da Graça – Tavira. *Arqueologia Medieval*, 11, p. 103-112.
- Duarte, S. (2018) – Ocupação do Período Islâmico. In, C. Tavares da Silva (coord.). *Caetobriga. O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos* (Setúbal Arqueológica, 17). AMRS/MAEDS, p. 207-228.
- Fernandes, I. C. (2001) – A Península de Setúbal em época Islâmica. *Arqueologia Medieval*, 7, p. 185-209.
- Fernandes, I. C. F. (2005) – Palmela no período da reconquista. In *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (sécs. VIII a XIII)*, p. 311-325.
- Fernandes, L.; Coroado, J.; Calado, M.; Constantino, C. (2016) – Ocupação Medieval Islâmica Museu de Lisboa – Teatro Romano de Lisboa: o caso do aproveitamento do *post scenium* no decurso do Século XII. *Actas do X Congresso Internacional – A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo* (Silves, 22 a 23 de Outubro 12), 2, p. 509-518.
- Gomes, A.; Gaspar, A.; Guerra, S.; Calé, H.; Ribeiro, S.; Pinto, P.; Valongo, A.; Pimenta, J. (2005) – Cerâmicas Medievais de Lisboa – Continuidades e Rupturas. In *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (sécs. VIII a XIII)*, p. 221-236.
- Gomes, R. V. (1988) – Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves. *Xelb*, 3. Silves.
- Gonçalves, J. L.; Gonçalves, J. (1990) – Escavação Arqueológica no Salvador (Sobral de Monte Agraço) – Campanha de 1997. *Revista de Arqueologia*, 1. Assembleia Distrital de Lisboa, p. 77-88.
- Hierro, Y. B.; Macias, J. A. P. (2003) – Apunte Sobre el Ajuar Cerâmico del Siglo XII en Niebla. *Arqueologia Medieval*, 8, p. 119-127.
- Khawli, A. (1993) - Introdução ao estudo das vasilhas de armazenamento de Mértola Islâmica. *Arqueologia Medieval*, 2, p. 63-78.
- Leal, V. (2000) – Rua da Judiaria (Almada) – o espólio cerâmico do silo 7. *Al-madan*, S. II, 9, p. 202-205.
- Liberato, M. (2016) – A Pintura a Branco na Santarém Medieval. Séculos XI a XVI. In *Actas do X Congresso Internacional – A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo* (Silves, 22 a 23 de Outubro 12), 2, p. 777-791.
- Luna, I.; Cardoso, G. (2003) – *A urbe de Torres Vedras e a sua Cerca medieval*. In Isabel Cristina Fernandes (coord.), *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (séculos VI a XVI)*. Edições Colibri e Campo Arqueológico de Mértola, p. 457-471.
- Martinez, S. G. (2010) – Mértola e as Rotas Comerciais do Mediterrâneo no Período Islâmico. *Arqueologia Medieval*, 11, p. 43-60.
- Pinto, N. A. (2014) – Os testemunhos materiais da cripta e silo da igreja de São Pedro: considerações várias. In C. Calais (Coord.), *Coruche – O Céu, a Terra e os Homens*. Museu Municipal de Coruche, p. 457-471.
- Raposo, R. C. (2016) – Pelourinho de Vila Verde dos Francos (Alenquer). *Al-madan*, S. II, 20, T. 2.
- Sabrosa, A.; Santos, V. M. (1993) – Silos Medievais da Rua Henriques Nogueira. *Al-madan*, S. II, 2, p. 116-122.
- Sánchez-Molero, F. C.; Cubiella, J. A.; Pérez, J. A. (2005) – *Catálogo da exposição: Cádiz Islâmico*. Cádiz: Museu de Cádiz, Junta da Andaluzia, Consejería de Cultura.
- Silva, A. R.; Barbosa, P. G. (2003) – Cerâmica de Tradição Muçulmana da villa Romana de Frielas. *Arqueologia Medieval*, 8, p. 109 – 118.
- Soares, J.; Duarte, S.; Tavares da Silva, C. (2005/07) – Sismos e Arqueologia Urbana – Intervenção arqueológica na Rua Augusto Cardoso, nº 69, Setúbal. *Musa. Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios*, 2, p. 83-102.
- Terruel, N. de la O. V.; Carrasco, J. M. C.; Rodrigues, Á. G.; Hernando, L. J. S. (2003) – Arqueologia Rural Islâmica en Huelva – la Alqueria de la Almagra. *Arqueologia Medieval*, 10, p. 65-104.
- Trindade, L.; Diogo, A. M. D. (2005) – Cerâmicas de um Silo da Alcáçova de Santarém. In *Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Métodos e Resultados para o seu Estudo*. *Actas das 3^{as} Jornadas* (Tondela, 28 a 31 de Outubro de 1997). Câmara Municipal de Tondela, p. 145-150.